

L'usage de tout système électronique ou informatique est interdit dans cette épreuve

*Traduire en français le texte ci-dessous.*

### O país do “tudo bem”

— Como vai você?

Considerada em seu sentido literal, esta que é a mais banal das perguntas, não mais do que uma convencional fórmula de cortesia, contém uma pesada carga inquisitorial, só possível de ser satisfeita com auto-exame profundo. Como estou eu? Estarei bem de saúde? E aquela pontada que senti no couro cabeludo ao acordar? Estarei bem no trabalho? Mesmo com aquela última observação do chefe? Estarei bem com a mulher, os filhos, os pais, irmãos, amigos? Comigo mesmo? Em paz com a vida, resignado com a inevitabilidade da morte, satisfeito na ânsia de justiça e de liberdade, pacificado com relação aos projetos não realizados e aos desejos não satisfeitos, vacinado contra os agulhões da inveja e do ciúme?

A pergunta, interpretada dessa forma, é irrecusável. Para respondê-la com precisão, seria necessário ter sempre em mente, ou trazer no bolso, rabiscado no papel, o rol de itens que cumpre repassar – saúde, vida profissional, relações pessoais, vida sexual e afetiva, grau de satisfação nas posições políticas e convicções filosóficas, equilíbrio psíquico, qualidade do desempenho das funções fisiológicas, entre muitos outros – e, como diante do rol de compras no supermercado, conferir um a um. Naturalmente, requer tempo. A maioria suscitará dúvidas, hesitações, ambigüidades. As respostas serão necessariamente nuançadas, às vezes longas, requerendo esmiuçadas explicações. (...)

No máximo, quando a situação da pessoa é incontornavelmente má, seja por um sofrimento físico, às vezes até evidente na aparência, seja por um sofrimento moral, como a morte de um próximo, se dirá: “Vou indo”. Ou, então: “Mais ou menos”. (...)

No Brasil já se foi além do “como vai?”. Estamos na era do “tudo bem”. Já não se pergunta como vai, e sim, numa antecipação da resposta positiva: “Tudo bem?”. Estreita-se a opção do interlocutor. Não se deixa a questão em aberto. Joga-se desde logo diante dele, insidiosa e irrecusável, ainda que na forma interrogativa, a alternativa correta, que não pode ser outra senão a da felicidade, do prazer e do bem-estar. Ninguém ousará cumprimentar explicitando a alternativa oposta: “Tudo mal?”. Somos um povo abençoado. Claro que há o dólar e a crise econômica, a miséria e a violência. Mas, por aqui, nem se precisa perguntar como vai. Já avançamos o alegre, jovial e travesso “tudo bem?”, na certeza de que, da parte do interlocutor, não virá senão a confirmação.

**Roberto Pompeu de Toledo**  
in *Veja*, 02/10/02 (adaptação)